

## Modulações Helianas: Encontros

Modulaciones Helianas: Encuentros

Heliana Modulations: Encounters

Cecília Maria Bouças Coimbra

Universidade Federal Fluminense - UFF

---

### RESUMO:

O texto "Modulações Helianas: Encontros" é uma homenagem a Heliana Conde, destacando sua trajetória como militante, acadêmica e transgressora. A autora revisita momentos marcantes de colaboração com Heliana, especialmente na luta pelos direitos humanos e na politização da psicologia. São evocados encontros no Ibrapsi, a fundação do Núcleo de Psicanálise e Análise Institucional, e a criação do Dia Internacional de Luta Contra a Tortura. Heliana desafiava as normas acadêmicas com humor e audácia, como a criação do fictício Jérôme Jabin. O texto encerra com a poesia "Cântico Negro", simbolizando a liberdade e a resistência que definiram a vida e o trabalho de Heliana.

**Palavras-chave:** Heliana Conde; militância; transgressão acadêmica.

---

### RESUMEN:

El texto "Modulación Helianas: Encontros" es un homenaje a Heliana Conde, destacando su trayectoria como militante, académica y transgresora. El autor revisita momentos destacados de colaboración con Heliana, especialmente en la lucha por los derechos humanos y la politización de la psicología. Se evocan las reuniones del Ibrapsi, la fundación del Centro de Psicoanálisis y Análisis Institucional y la creación del Día Internacional de Lucha contra la Tortura. Heliana desafió las normas académicas con humor y audacia, como la creación del ficticio Jérôme Jabin. El texto finaliza con la poesía "Cântico Negro", que simboliza la libertad y la resistencia que definieron la vida y la obra de Heliana.

**Palabras-clave:** Heliana Conde; militancia; transgresión académica.

---

### ABSTRACT:

The text "Heliana Modulations: Encounters" is a tribute to Heliana Conde, highlighting her journey as a militant, academic, and transgressor. The author revisits significant moments of collaboration with Heliana, especially in the fight for human rights and the politicization of psychology. It evokes encounters at Ibrapsi, the founding of the Núcleo de Psicanálise e Análise Institucional, and the creation of the International Day Against Torture. Heliana challenged academic norms with humor and boldness, exemplified by the invention of the fictitious Jérôme Jabin. The text concludes with the poem "Cântico Negro," symbolizing the freedom and resistance that defined Heliana's life and work.

**Keywords:** Heliana Conde; militancy; academic transgression.

---

DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88534

“Difícil fotografar o silêncio.  
Entretanto tentei. Eu conto:  
Madrugada minha aldeia estava morta  
não se ouvia um barulho, ninguém passava entre  
as casas.  
Eu estava saindo de uma festa.  
Eram quase quatro da manhã.  
Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.  
Preparei minha máquina.  
O silêncio era o carregador?  
Estava carregando o bêbado.  
Fotografei esse carregador.  
Tive outras visões naquela madrugada.  
Preparei minha máquina de novo.  
Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.  
Fotografei o perfume.  
Vi uma lesma pregada na existência mais que na pedra.  
Fotografei a existência dela.  
Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.  
Fotografei o perdão.  
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.  
Fotografei o sobre.  
Foi difícil fotografar o sobre.  
Por fim eu enxerguei a Nuvem de Calça.  
Representou para mim que ela andava na aldeia  
de braços com Maiakovski — seu criador.  
Fotografei a Nuvem de Calça e o poeta.  
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa  
mais justa para cobrir a sua noiva.  
A foto saiu legal.”  
*(Manoel de Barros – O fotógrafo)*

Falar da Heliana é falar de Encontros: diferentes, diversos e, sobretudo, belos. Encontros que nos fortaleciam, nos alimentavam, nos afetavam e nos faziam pensar. Foram eles, em sua maioria, ligados às questões dos direitos humanos e à questão da politização do nosso cotidiano, em especial do nosso fazer acadêmico e psicológico: de como a política e a psicologia não estão desvinculadas, mas, ao contrário, atravessam-se o tempo todo.

Conheci Heliana na época do Ibrapsi (Instituto Brasileiro de Psicanálise e Análise Institucional) embora não tenha feito parte do Instituto que surgiu no Rio de Janeiro em 1978. Muitas pessoas presentes aqui neste seminário participaram ativamente do Ibrapsi junto com Heliana. Lembro que já havia uma aproximação entre nós, principalmente através do psicanalista argentino Gregório Baremlitt, em função da denúncia que alguns de nós, ex-presos durante a ditadura, tínhamos feito sobre o caso Amílcar Lobo – o psicanalista que “acompanhava” o antes, o durante e o depois das torturas aos presos no DOI-CODI do Rio de Janeiro, entre os anos de 1970 e 1974. Essa denúncia foi feita, inicialmente, na Argentina. Repercutiu através da revista “Questionamos”, onde Armando Bauleo – psicanalista argentino – e Mary Langer – psicanalista austríaca que havia participado da Guerra Civil Espanhola – participavam. Estes dois psicanalistas-militantes repercutem a denúncia que a psicanalista Helena Besserman Vianna já vinha fazendo em nosso país e no exterior. Foi assim que tivemos contato com Gregório Baremlitt e com algumas pessoas que estudavam no Ibrapsi. Algumas delas tinham sido minhas alunas na Faculdade Celso Lisboa, antes da minha entrada na Universidade Federal Fluminense, como Eliana Monteiro e Rita que se encontram aqui presentes.

Foi em 1980 que me aproximei efetivamente de Heliana e de um grupo grande que, por lutas internas, saíram do Ibrapsi e fundaram o Núcleo de Psicanálise e Análise Institucional que passa a funcionar em 1981. Ali estavam Oswaldo Saidón, Vida Kangagi, Beatriz Sá Leitão, Jane Calhau, dentre outros. E, neste grupo, fizemos vários cursos, inclusive um grupo de estudos com Oswaldo Saidón, em 1984. Na época, junto com a chamada “segunda geração de argentinos” – que veio em 1976 para o Brasil fugindo da ditadura argentina – começamos a trabalhar a questão da Análise Institucional e dos grupos operativos. Inclusive fizemos o lançamento de dois livros com enorme participação de Heliana: “Análise Institucional no Brasil”, em 1987 e “Grupos e Instituições em Análise”, em 1992.

Ao mencionar essas datas e eventos, entro em contato com os diferentes momentos em que eu e Heliana estivemos juntas militando em diferentes territórios. Participamos da primeira Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia, criada em 1997 e da criação das Comissões Regionais de Direitos Humanos a partir de 1998.

Heliana também participou, desde 1991, da equipe Clínico Grupal Tortura Nunca Mais, sendo uma das fundadoras, junto com Beatriz Sá Leitão, da criação da equipe. Fizemos muitas viagens para Brasília para participarmos da Comissão Nacional de Direitos Humanos e vários outros eventos. Viajávamos muito de avião e sempre íamos para o final onde podíamos fumar, naquela época ainda se podia fumar em avião. E, Heliana ainda aproveitava para tomar uísque; as companhias aéreas também serviam bebidas naquela época.

E porque trouxemos a faixa do Grupo Tortura Nunca Mais/RJ para esta homenagem à Heliana? Não só porque a Heliana participou de muitas e muitas atividades com o Grupo, mas foi ela que debateu comigo, em 1998, o chamado Dia Internacional de Luta Contra a Tortura, cujo nome dado pela ONU não era este. Heliana e eu que inventamos esse nome aqui no Brasil. Estávamos na Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal e soubemos que a ONU tinha criado um dia, o 26 de junho, justo no aniversário de Heliana, o Dia Internacional das Nações Unidas em Apoio às Vítimas de Tortura. Como nós já fazíamos questionamentos com relação ao conceito de vítima: que lugar era esse que queriam colocar a pessoa atingida pela violência? De modo geral, todos os grupos de direitos humanos da América Latina usavam a palavra vítima de uma forma muito naturalizada. Começamos a pensar e a problematizar esse conceito. Foi com a ajuda de Heliana que o Grupo Tortura Nunca Mais/RJ começou, a partir de 1999, a apresentar o dia 26 de junho como Dia Internacional de Luta Contra a Tortura, questionando esse lugar da vítima, do “pobre coitado” que precisa do apoio internacional, como o da ONU.

Queria, além dessa participação política de Heliana, falar um pouco das transgressões acadêmicas da nossa amiga, todas extremamente debochadas, extremamente corajosas. Todas essas transgressões vinculam-se à sua participação em pensar uma psicologia também transgressora. Por exemplo, na banca de defesa de mestrado de Heliana, no IMS (Instituto de Medicina Social-UERJ), ela já havia inventado com os alunos, com “seus mestres-aprendizes”, como ela falava – entre eles Cerezo, que escreveu um artigo sobre essa invenção –, um personagem fictício muito interessante que mostra toda a ousadia, toda a transgressão, toda a coragem e militância de Heliana com relação a esse templo sagrado do “saber-poder”: a academia. Heliana e seus alunos inventaram um autor argelino chamado Jérôme Jabin: que significava “jabá com jerimum”. Heliana criou toda uma biografia desse teórico argelino e este era citado jocosamente pelos alunos na UERJ. Alguns professores chegaram até a dizer que já haviam ouvido falar desse autor que não existia. E Heliana, corajosa e ousadamente, termina a sua dissertação de mestrado com uma frase de Jabam. Eu

era a única da banca a saber dessa invenção e até brinquei: “Que interessante esse autor, uma frase muito interessante. Fale um pouco mais sobre ele”.

Lembro-me muito bem desta passagem genial que chamo de “fecho de ouro” da sua dissertação, porque é audacioso, é debochado, é irônico, é transgressor. Em sua alegria, – como bem diz Éder Amaral, “aqueles dentes de Heliana, que queriam estar sempre na frente” – ela faz uma citação, como está em sua dissertação, já publicada em livro “Subjetividades em revolta” (2020): “Depois de tantas citações de referências a alguns velhos conhecidos franceses, ela se encerra com mais uma: a fala do borgiano professor argelino Jérôme Jabin, cujos múltiplos sentidos de aliança só conhecemos eu e meus mestres aprendizes, subjetividades ainda em revolta:”

“E assim, venho-me a público trazer meu achado do lugar-do-nunca-o-soubemos para outro, de construção infinita, óculos especiais de ver para dentro, que tramam contra o escrito. E àqueles que arguem a veracidade das suposições aqui feitas não se iludam: a menos de uma letra, de um ponto, de um sinal qualquer, sempre estamos mentindo”. (J. Jabin) (RODRIGUES, 2020:649)

Isto é de uma audácia que poucas pessoas que se dizem revolucionários têm. Heliana tinha. Quando ela me pediu um prefácio para este livro, perguntei a ela se havia mantido Jérôme Jabin, me disse que sim, manteve. Então escrevi sobre ele no prefácio.

Para terminar, quero falar das brincadeiras que nós fazíamos nos pareceres das bancas. Colocávamos, como fizemos na dissertação de Alice, citações como a de Manoel de Barros, em sua poesia “O Fotógrafo”, que inicia este texto. Os funcionários da secretária que liam esses pareceres ficavam confusos e nos perguntavam se estavam corretos. Fazíamos brincadeiras em lugares sacralizados, como os lugares de defesa de teses; ritual perverso que muitos adoram defender. Heliana rompia com isso através de suas brincadeiras e ironias. A meu ver isto tem muito de militância, uma resistência micro-política.

Fecho com uma poesia que mostra muito bem quem era Heliana, com toda a sua vida, com toda a sua alegria. Uma poesia da qual ela gostava muito e que me apresentou em um Seminário de Direitos Humanos do CRP-RJ (Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro). É do poeta português José Régio – esse existe de verdade – chamada “Cântico Negro”:

“Vem por aqui”- dizem-me alguns com olhos doces,  
Estendendo-me os braços, e seguros  
De que seria bom que eu os ouvisse

Quando me dizem: “vem por aqui”!  
Eu olho-os com olhos lassos,  
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)  
E cruzo os braços,  
E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:  
Criar desumanidades!  
Não acompanhar ninguém.  
(...)

Não, não vou por aí! Só vou por onde  
Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde,  
Por que me repetis: “vem por aqui”?  
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,  
Redemoinhar aos ventos,  
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,  
a ir por aí...  
(...)

Como, pois, sereis vós  
Que me dareis impulsos, ferramentas, e coragem  
Para eu derrubar os meus obstáculos?...  
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,  
E vós amais o que é fácil!  
Eu amo o Longe e a Miragem,  
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! tendes estradas,  
Tendes jardins, tendes canteiros,  
Tendes pátrias, tendes tetos,  
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios.  
Eu tenho a minha Loucura!

Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,

E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

(...)

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!

Ninguém me peça definições!

Ninguém me diga: “vem por aqui”!

A minha vida é um vendaval que se soltou.

É uma onda que se levantou.

É um átomo a mais que se animou...

Não sei para onde vou,

Não sei para onde vou

—Sei que não vou por aí!”

José Régio, 1926

Rio de Janeiro, 26 de junho de 2024

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

RODRIGUES, Heliana Conde de Barros. *As subjetividades em revolta: institucionalismo francês e novas análises*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

Cecília Maria Bouças Coimbra

Psicóloga, ex-presa durante a ditadura empresarial-militar, doutora em Psicologia pela USP, pós-doutora em Ciência Política pela USP, uma das fundadoras e atual membro da diretoria colegiada do Grupo Tortura Nunca Mais/RJ, professora aposentada da Universidade Federal

Fluminense.

cmbcoimbra2013@gmail.com